

O QUE A BÍBLIA FALA SOBRE DINHEIRO

O QUE A BÍBLIA FALA SOBRE DINHEIRO



AUGUSTUS NICODEMUS



mundocristão

Copyright © 2021 por Augustus Nicodemus

Os textos bíblicos foram extraídos da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Editora Mundo Cristão, sob permissão da Tyndale House Publishers, salvo as seguintes indicações: *Almeida Revista e Atualizada*, 2ª edição (RA), da Sociedade Bíblica do Brasil; e *Nova Versão Internacional* (NVI), da Bíblia Internacional.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

L85q

Lopes, Augustus Nicodemus, 1954-
O que a bíblia fala sobre dinheiro / Augustus Nicodemus. - 1. ed. - São Paulo: Mundo Cristão, 2021.

ISBN 978-65-86027-77-8

1. Economia - Aspectos religiosos - Cristianismo. 2. Economia na Bíblia. 3. Dízimos - Doutrina bíblica. 4. Igreja - Finanças. I. Título.

20-67989

CDD: 261.85

CDU: 27:330

Revisão

Natália Custódio

Produção e diagramação
Felipe Marques

Colaboração
Ana Luiza Ferreira

Capa
Douglas Lucas

Publicado no Brasil com todos
os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Categoria: Igreja

1ª edição: março de 2021 | 1ª reimpressão: 2021

Sumário

1. Deus e o dinheiro	7
2. O que Jesus diz sobre a riqueza	15
3. A ganância	23
4. A teologia da prosperidade	30
5. O que é mordomia cristã	39
6. A graça de contribuir	47
7. Levantando o tabernáculo	59
8. Mercadores da fé	65
9. Gaio, Diótrefes e Demétrio	72
10. Como adquirir bens	78
11. O dízimo no Antigo Testamento	85
12. O dízimo no Novo Testamento	93
13. Combatendo a ansiedade	99
14. Ainda que a figueira não floresça	106
15. A responsabilidade social da igreja	113
16. Os bens materiais em Provérbios	117
<i>Sobre o autor</i>	125

1

Deus e o dinheiro

Os abusos praticados por algumas igrejas neopentecostais quanto ao levantamento de recursos financeiros tornaram bastante delicada a questão da contribuição financeira nas igrejas evangélicas. O que distingue as mencionadas igrejas das pentecostais clássicas é a prática enfática da chamada *teologia da prosperidade*. Trata-se do falso ensino de que é da vontade de Deus que todos os seus filhos experimentem na vida terrena o melhor que os recursos materiais possam proporcionar.

Defensores dessa teologia acreditam que Deus deseja que os cristãos sejam prósperos financeiramente, saudáveis e longevos, e que vivam isentos de problemas e dificuldades. Mas, para tanto, seria necessário investir nas coisas de Deus por meio de ofertas, dízimos e doações, entendidos como “sementes” que, plantadas agora, gerariam a esperança de colher um fruto muito mais promissor: Deus estaria obrigado a retribuir abundantemente, por meio de bênçãos materiais, aos que se mostrassem fiéis em dízimos, campanhas e sacrifícios financeiros.

O foco de igrejas que abraçam esse ensino está, portanto, na contribuição financeira de seus membros, e por isso lançam mão de campanhas constantes e de outros artifícios capazes de levar os fiéis — muitas vezes cegados pela própria cobiça ou ignorância — a contribuírem mais e mais, com enormes sacrifícios pessoais. Como o resultado prometido e o fruto almejado não se concretizam, não são poucos os que, desiludidos

e revoltados com Deus e com as igrejas cristãs em geral, abandonam a igreja.

Assim, para evitar qualquer associação indevida com o que é apregoadado pela teologia da prosperidade, muitos conselhos e pastores de igrejas históricas e reformadas resolveram abolir qualquer menção, durante os cultos, ao tema “contribuição”. Se, de um lado, essa atitude evita um possível mal-entendido relacionado à questão financeira, de outro, acaba gerando prejuízos para o entendimento do que é a verdadeira mordomia cristã. O abuso praticado não pode sobrepujar a realidade de que igrejas precisam de recursos para manter vivo o trabalho desenvolvido nem pode invalidar o princípio bíblico da contribuição sistemática, regular e generosa para o sustento da obra de Deus. A Bíblia nos revela ao menos duas relações cruciais entre Deus e o dinheiro que devem ser estudadas e praticadas por todos os cristãos.

A primeira delas é que *toda riqueza pertence a Deus*. Uma verdade que muitos ricos e poderosos não compreendem ou aceitam. A sociedade ocidental, cada vez mais secularizada, almeja autonomia financeira e acredita que alcançá-la depende exclusivamente de seu esforço. O homem moderno considera-se seu próprio senhor. Não reconhece o senhorio de Deus, que por sua graça e misericórdia nos concede saúde, oportunidades, discernimento e sabedoria para o ganho financeiro. Assemelha-se ao homem rico da parábola, que ao contemplar os celeiros cheios de grãos disse a si mesmo, atribuindo-se o sucesso obtido: “Amigo, você guardou o suficiente para muitos anos. Agora descanse! Coma, beba e alegre-se” (Lc 12.19).

No entanto, por direito de criação (Sl 24.1), tudo que existe é de Deus. Sendo o Criador de todas as coisas, dele é o ouro e a

prata (Ag 2.8), isto é, todas as riquezas do mundo. E não apenas nossos bens lhe pertencem: nós mesmos pertencemos a Deus, pois ele nos fez. A Bíblia inicia declarando que, no princípio, Deus criou os céus e a terra (Gn 1.1), e continua descrevendo como ele o fez pelo poder de sua palavra. Ao longo de toda a Bíblia, Deus é referendado como nosso Criador, e Criador de todas as coisas existentes. A doutrina da criação, portanto, está no cerne de nossa compreensão acerca das riquezas e dos bens terrenos: nada temos por nós mesmos, mas tudo pertence a Deus. Quando entendemos isso, nossa perspectiva sobre o dinheiro sofre uma profunda mudança, levando-nos a viver não como donos de tudo, mas como mordomos, como servos que prestarão conta das riquezas de seu senhor.

Mas tudo é também de Deus por direito de capacitação, uma vez que Deus é quem nos concede saúde, forças e oportunidades para trabalhar e ganhar dinheiro. Foi o que Moisés ensinou aos israelitas, quando estavam prestes a entrar na terra prometida e tomar posse de grandes riquezas:

[Deus] fez tudo isso para que vocês jamais viessem a pensar: “Conquistei toda esta riqueza com minha própria força e capacidade”. Lembrem-se do SENHOR, seu Deus. É ele que lhes dá força para serem bem-sucedidos, a fim de confirmar a aliança solene que fez com seus antepassados, como hoje se vê.

Deuteronômio 8.17-18

Davi cantou: “Se o SENHOR não constrói a casa, o trabalho dos construtores é vão. Se o SENHOR não protege a cidade, de nada adianta guardá-la com sentinelas” (Sl 127.1). Desta forma também o profeta Oseias queixou-se da nação de Israel: “Ela não entende que tudo que tem foi dado por mim: o trigo, o

vinho novo, o azeite. Dei-lhe até mesmo prata e ouro, mas ela ofereceu meus presentes a Baal” (Os 2.8).

Sendo o dono de tudo que existe, Deus se reserva o direito de abençoar materialmente os esforços de quem ele desejar, sem que para isso exija fé, obediência, santidade de vida ou ofertas. Muitos ímpios prosperam por seu trabalho árduo, embora nem sempre pelos meios corretos, enquanto não raro crentes fiéis e esforçados enfrentam uma vida de dificuldades, contabilizando recursos mínimos para sobreviver.

No entanto, não pensemos que Deus é injusto. Na verdade, além de justo, ele é soberano sobre o que lhe pertence. O cristão deve conscientizar-se de que somos apenas gerentes, e não donos dos recursos de que dispomos. Quando abrimos mão do que temos e o entregamos ao Senhor totalmente e sem reservas, experimentamos paz no coração e uma nova liberdade no dar.

A segunda lição é que *Deus tem um plano para os recursos que ele nos confia*. As Escrituras nos ensinam que, sendo o Senhor de todas as riquezas, Deus não só as distribui às pessoas mas também determina como deverão ser usadas. Ele tem um plano, presente nas Escrituras, para os recursos que graciosamente nos concede. Da Palavra extraímos diversos propósitos para os recursos concedidos por Deus.

O principal propósito no plano de Deus consiste em suprir as nossas necessidades e as de nossa família. Deus sabe do que precisamos (Mt 6.31-32). Ele sabe que carecemos do pão nosso de cada dia (6.11), expressão que abrange todas as necessidades da vida, e nosso Deus determinou que o dinheiro seja o meio usual para supri-las. O apóstolo Paulo, ao se despedir dos crentes de Éfeso, lembrou-lhes que trabalhou para sustentar-se: “Vocês sabem que estas minhas mãos trabalharam para prover as minhas necessidades e as dos que estavam comigo”

(At 20.34). Dirigindo-se aos tessalonicenses, também disse: “Quem não quiser trabalhar não deve comer” (2Ts 3.10).

Nosso sustento e o da família vêm como prioridade na administração dos recursos que o Senhor nos concede. Isso fica claro quando Paulo instrui Timóteo: “Aqueles que não cuidam dos seus, especialmente dos de sua própria família, negaram a fé e são piores que os descrentes” (1Tm 5.8). Às vezes, excepcionalmente, o próprio Deus pode inverter essa ordem, como vemos no episódio de Elias e a viúva. O que havia era suficiente apenas para um pão pequeno, mas o profeta diz: “Primeiro faça um pouco de pão para mim. Depois, use o resto para preparar uma refeição para você e seu filho” (1Rs 17.13). Mas essa exceção se deu para que, mais tarde, com o milagre da multiplicação do azeite, se evidenciasse o poder de Deus no sustento da família da viúva e do próprio Elias.

Portanto, o plano de Deus para os recursos que ele graciosamente nos concede começa com o suprimento de nossas necessidades básicas e as daqueles que dependem de nós. Por isso, é triste que trabalhadores pobres gastem seu exíguo salário em vícios como bebida, fumo e apostas em jogos de azar. E mais triste ainda é ver pais e mães com bom rendimento gastarem enormes quantias em coisas supérfluas, negligenciando, assim, as necessidades dos próprios filhos.

Mas Deus também nos concede bens e recursos com outro propósito: abençoar pessoas por nosso intermédio. Ainda que o Brasil, como ocorre em outros países, não experimente um nível de pobreza, fome e necessidade extremas, há muitas pessoas carentes e sofridas em virtude da escassez de recursos materiais. A Bíblia mostra que Deus se preocupa com os pobres e necessitados, e tem compaixão deles. Várias vezes Deus é mencionado na Bíblia como pai dos órfãos e juiz das viúvas

(Sl 10.14; Os 14.3; Sl 68.5). Tiago 1.27 afirma: “A religião pura e verdadeira aos olhos de Deus, o Pai, é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades e não se deixar corromper pelo mundo”.

Está nos planos de Deus, portanto, que ajudemos com os recursos que ele nos deu os que estão atribulados, os necessitados (Rm 12.3) e os pobres (Dt 15.7-8), principalmente os irmãos em Cristo (Gl 6.10). Embora possamos fazê-lo por iniciativa própria, contribuir para as obras sociais da igreja local pode ser mais eficaz, uma vez que ela mantém projetos sociais de largo alcance capazes de levar ajuda não só a pessoas mas também a comunidades carentes. E esse trabalho é sustentado pelos dízimos e pelas ofertas dos membros da igreja. O primeiro exemplo disso está no Novo Testamento, no livro de Atos. Pobres e viúvas da igreja apostólica eram agraciados com a distribuição diária de alimentos — equivalente a uma cesta básica —, o que só era possível pela generosidade e pelo sacrifício de muitos cristãos que contribuía para esse fim (At 2.32-35; 4.36-37; 6.1).

Outro propósito de Deus para conceder-nos recursos é o sustento de sua obra, que fazemos mediante as contribuições regulares, sistemáticas e generosas à igreja da qual somos membros. Mesmo sendo a igreja uma instituição divina cujos fins são de natureza espiritual, ela precisa de recursos financeiros para alcançar esses alvos. Se dízimos e ofertas não forem recolhidos, não haverá como sustentar os obreiros. Mais uma vez, o erro cometido por aqueles falsos profetas não pode ser motivo para as igrejas deixarem de recolher as contribuições necessárias à obra de Deus e assim negligenciarem o que a Bíblia ensina de maneira tão clara: os obreiros são dignos de seu salário (Lc 10.7; 1Tm 5.18). Além disso, é preciso manter o

local em que a igreja se reúne. Embora a igreja apostólica tenha se reunido primeiramente em casas, com o tempo os cristãos passaram a ter locais próprios para os cultos, a catequese, a comunhão, o ensino teológico, etc.

É claro que a existência da igreja de Cristo não depende de recursos materiais, mas certamente eles facilitam o trabalho de expansão do reino. Com os recursos oferecidos por seus membros, a igreja local evangeliza, pastoreia, educa, discipula e ainda contribui com organizações evangélicas envolvidas em obras sociais e no trabalho de evangelização ao redor do mundo.

Despertar o senso de gratidão é outro propósito de Deus ao conceder-nos recursos financeiros. Deus também quer mostrar seu poder e sua bênção através do dinheiro (Mt 6.33). Cada centavo que ganhamos ou recebemos vem de Deus, portanto os recursos devem despertar nossa gratidão. Foi o que Moisés ensinou ao povo de Israel: “lembrem-se do SENHOR, do seu Deus, pois é ele que lhes dá a capacidade de produzir riqueza” (Dt 8.18, NVI).

Quando o rei Davi convocou os israelitas a fim de que contribuíssem para a construção do templo, surpreendeu-se com a generosidade deles e a enorme quantidade de recursos levantados. Agradecido, orou ao Senhor, dizendo:

Ó nosso Deus, damos graças e louvamos teu nome glorioso! Mas quem sou eu, e quem é meu povo, para que pudéssemos te dar alguma coisa? Tudo que temos vem de ti, e demos apenas o que primeiro de ti recebemos!

1Crônicas 29.13-14

Todo cristão sincero deveria refletir sobre o uso que faz dos recursos financeiros, lembrando que prestará contas a Deus,

como um gerente presta contas ao proprietário. Infelizmente, o dinheiro tem escravizado muitos cristãos. Quer tenham muito, quer pouco, deixam-se dominar pelas preocupações que ele costuma trazer. Mas, quando aprendemos a usá-lo segundo os ensinamentos da Bíblia, o dinheiro deixa de ser nosso patrão para tornar-se instrumento do bem na sociedade.

Tome o propósito de rever seus gastos e priorizá-los de acordo com o plano de Deus para os recursos que ele lhe concede. Lembre que Deus é dono de tudo e que nós somos apenas gerentes do que ele, por sua graça, nos deu.

PARA REFLETIR

1. Você tem definido prioridades para o emprego dos recursos que Deus lhe concedeu? Quais são elas?
2. Você reconhece que Deus é o verdadeiro dono do dinheiro que você tem e que um dia deverá prestar contas de sua utilização?
3. Você se considera generoso nas contribuições para pessoas e para o sustento da obra de Deus por meio da igreja?

O que Jesus diz sobre a riqueza

Há vários motivos para estudar o tema riquezas e bens, e também para refletir sobre como agir quando essa questão está em jogo. Primeiro, os bens materiais — posses, dinheiro, propriedades, salário, etc. — têm um papel crucial e central na vida. Uma vez que a capacidade financeira apresenta um peso importante nas decisões e escolhas, é muito importante conhecer os ensinamentos de Deus, contidos na Bíblia, sobre esse tema.

Segundo, há na Bíblia mais passagens referindo-se ao dinheiro e à atitude que devemos adotar sobre ele e os bens materiais do que aludindo ao amor. Por si só, esse já é um indicador da importância do assunto.

Terceiro, a crise institucional, política e financeira no Brasil nos desafia, como cristãos, a entender o papel dos bens materiais em nossa vida e a preparar-nos para enfrentar as dificuldades geralmente advindas em tempos como esses.

Uma das passagens mais conhecidas da Bíblia sobre o tema da riqueza encontra-se no evangelho de Mateus, mais precisamente no Sermão do Monte. Em Mateus 6.19-34, o Senhor Jesus orienta os discípulos sobre como relacionar-se com os bens materiais, uma vez que as riquezas, ou a falta delas, são uma tentação para todos, ricos e pobres. Além disso, os discípulos teriam de lidar com os fariseus, escribas e mestres — líderes religiosos extremamente avarentos. A compreensão errônea sobre o tipo de relacionamento dos discípulos com as riquezas

poderia prejudicar o trabalho deles de evangelizar e ensinar as boas-novas do reino.

Jesus, então, convoca os discípulos a fazerem duas escolhas. A primeira é quem seria o deus deles: as riquezas ou o Senhor Deus? A segunda é como viveriam: angustiados ou pela fé? As escolhas propostas pelo Senhor têm suas implicações. Na primeira — as riquezas ou o Senhor Deus, descrita em Mateus 6.19-21 —, Jesus lança mão de três elementos contrastantes para desenvolver seu ponto.

No que se refere às riquezas, o primeiro contraste está relacionado com sua natureza, ou seja, *riquezas terrenas e riquezas celestiais*. O Senhor proíbe aos discípulos o acúmulo de riquezas terrenas (Mt 6.19).

É importante notar, porém, que Jesus não proibiu seus discípulos de trabalharem e receberem salário, ou de proverem para dias difíceis, ou ainda de prosperarem ou melhorarem sua condição de vida. A Bíblia não faz esse tipo de restrição. A proibição de Jesus está em colocar nas riquezas nossa esperança e confiança, em fazer dos tesouros terrenos nosso deus e em ter como alvo principal da vida o acúmulo de tesouros neste mundo. E o motivo dessa proibição é claro: tesouros terrenos são transitórios (Mt 6.19).

Naquela época os bens materiais — roupas finas e elegantes, tapetes caros, barras de ouro e de prata, pedras preciosas e objetos de valor — eram guardados em casa. Ora, as roupas podem ser comidas pelas traças, e os tesouros, comidos pela ferrugem e pelo mofo. No fim, tudo se deteriora. Além disso, os bens poderiam ser levados pelos ladrões, que arrombavam facilmente as casas, feitas de barro e tijolo. Mas isso também se aplica a nós, hoje. Embora as riquezas sejam guardadas em bancos e cofres fortes, ainda permanece o princípio que Jesus

ensinou: as riquezas deste mundo são passageiras, efêmeras, transitórias.

Portanto, em vez de acumular tesouros terrenos, Jesus nos ensina a ajuntar tesouros no céu (Mt 6.20). E com isso ele não se refere a um tesouro de méritos útil para nossa salvação, como apregoam a teologia católica e o pensamento de alguns rabinos do antigo Israel. Em vez disso, tesouros nos céus são tudo aquilo que podemos levar para além do túmulo, como santidade de caráter, obediência à vontade de Deus e o fruto de nosso serviço ao Senhor.

Lucas destaca particularmente o ato de dar aos necessitados (Lc 12.33). Uma das maneiras de ajuntar tesouros nos céus é ofertar os tesouros da terra. Foi o que Jesus disse ao jovem rico: “Venda todos os seus bens e dê o dinheiro aos pobres. Então você terá um tesouro no céu” (18.22). Mais uma vez, a Bíblia não proíbe a posse de propriedades e bens. O problema está em fazer deles ídolos, como no caso do jovem rico, e a melhor maneira de derrubar tais ídolos é ofertar e contribuir com generosidade.

Portanto, devemos acumular tesouros nos céus porque sua natureza é duradoura e segura (Mt 6.20), em contraste com a natureza transitória das riquezas deste mundo, e porque eles estabelecem uma relação em nosso coração: se nosso tesouro está no céu, lá também se encontra o coração, mas se estiver na terra, nela também ele se fixará (6.21). Com isso Jesus não está condenando os ricos por serem ricos, nem está impedindo os discípulos de prosperarem. Ele está nos advertindo dos perigos da prosperidade e de colocar o coração e a confiança nas riquezas, e delas dependermos. Está nos alertando a não nos insensibilizarmos perante os pobres, a não nos tornarmos avarentos, e assim deixarmos de contribuir para o reino.

Lutero disse que o Deus de um homem é aquilo que ele mais ama, pois ele o carrega no coração, dorme e acorda com ele, seja o que for — riquezas, ego, prazeres ou popularidade. A melhor forma de fugir dessa tentação é pela generosidade. Dar, contribuir, ofertar, oferecer. É assim que quebramos o poder que o dinheiro exerce sobre nós. “Tesouros nos céus” são, portanto, o favor de Deus, seu agrado e seu prazer em nós, e é isso que devemos buscar acima de tudo.

O segundo elemento contrastante a que Jesus lança mão está em Mateus 6.22-23: *os olhos bons e os olhos maus*. Olhos bons equivalem ao coração que se fixa nos tesouros celestiais, mencionados no primeiro tipo de contraste, enquanto olhos maus se referem ao coração arraigado aos tesouros da terra. A imagem dos olhos representa nossa percepção das coisas. Jesus compara os olhos a uma lâmpada. Quando acesa, ela permite ver, por exemplo, o que há em um aposento. Comparativamente, os olhos permitem a entrada do conhecimento, que por sua vez afetará todo o corpo, isto é, toda a nossa vida. Nessa comparação, olho bom significa olho singelo, simples, focado em uma única direção: em Deus e em suas coisas, o que traz luz para nossa vida.

Em contrapartida, olhos maus são os que se fixam em dois focos concomitantes, resultando em uma vida de insegurança, incerteza e trevas. Ao mesmo tempo que tentam agradar a Deus, os olhos maus representam a avareza, a cobiça e o amor ao dinheiro. A questão é que não podemos ter dois corações, com dois objetivos concomitantes e diferentes. Não podemos conciliar olhos bons e maus.

Finalmente, o terceiro elemento contrastante de que Jesus faz uso está em Mateus 6.24: *Deus e as riquezas*. Jesus se refere às riquezas como um “senhor”, e senhores exigiam de seus

escravos devoção integral. “Riquezas” é a tradução da palavra aramaica *mamom*, que carrega uma conotação muito negativa. Elas são vistas como um deus, uma potestade, um ídolo do coração que tenta nos dominar e tomar o lugar do Senhor. Era impossível a um escravo servir a dois senhores ao mesmo tempo. A devoção a um implicaria o desprezo ao outro. Portanto, é impossível servir às riquezas e a Deus, pois são opostos e rivais no que se refere à devoção.

“Servir às riquezas” significa fazer delas o alvo maior da vida, acumular tesouros, juntar bens materiais, depender deles, dedicar-se inteiramente a ter mais e mais. Significa também preservar essas riquezas, guardá-las, não dar, não ofertar, não ser generoso. Por isso, a avareza é chamada de idolatria na Bíblia, pois reflete uma profunda devoção ao deus *mamom*. Em contraste, servir a Deus é usar os bens materiais para os fins por ele determinados, como o sustento pessoal e da família, o sustento da obra de Deus e o auxílio aos pobres e necessitados.

Podemos afirmar que o maior desafio da igreja, hoje, não é o islamismo, o marxismo, o ateísmo, mas o materialismo que permeia nossa cultura, que contamina a igreja, produzindo consumismo, avareza, mesquinhez, insensibilidade para com a obra de Deus e, no caso de líderes, uma visão empresarial da igreja.

Se a primeira escolha está em servir ao Senhor, a segunda escolha proposta por Jesus aos discípulos, descrita em Mateus 6.25-34, é como viveriam, se ansiosos ou pela fé. Ou seja, depois de ensinar-lhes que deviam servir apenas ao Senhor e dedicar-se a ele como único Deus verdadeiro, Jesus os ensina a encarar as necessidades materiais da vida. Como consequência do que diz o texto de Mateus 6.24, o Senhor os

exorta a não viverem ansiosos quanto às coisas futuras (6.25), quanto ao que é necessário para a vida — o que comer, beber e vestir —, mas em vez disso a descansarem na providência de Deus (6.26-30).

Para fortalecer a confiança dos discípulos, Jesus faz duas comparações usando elementos da natureza: as aves do céu (6.26-27) e os lírios do campo (6.28-30). Na primeira, ele mostra que as aves — embora não trabalhem e tenham muito menos valor que o ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus — são sustentadas pelo Pai celeste. Deus não haveria de sustentar seus filhos? Na segunda, a comparação é com os lírios do campo (6.28-30), flores frágeis, muito coloridas e de vida breve, que brotavam nas campinas da Palestina. Deus “vestia” os lírios a ponto de superarem a glória da beleza de Salomão. Será que Deus não haveria de vestir seus filhos e filhas?

Com essas comparações Jesus quer identificar a origem da ansiedade pelas coisas materiais: a falta de fé (6.30). Isso não quer dizer que nos preocuparmos com ganhar o pão e envidarmos esforços nesse sentido sejam pecado. Se o fizermos confiados na providência de Deus, teremos paz e tranquilidade na fartura e na pobreza. Mas, na grande maioria dos casos, é a falta de fé na providência e no cuidado de Deus que torna os crentes ansiosos e aflitos com relação ao amanhã.

E Jesus vai além. Ele mostra aos discípulos que é preciso buscar em primeiro lugar o reino de Deus (6.31-34), e para tanto faz duas proibições. Primeiro, *proíbe a inquietação com o que comer, beber e vestir* (6.31-33) por serem preocupações típicas dos pagãos (6.32). Nosso Deus sabe do que precisamos antes de lhe pedirmos, portanto viver inquietos com o sustento revela falta de fé no Deus que conhece todas as nossas